

Apresentação

Alguém só pode dizer então: é preciso chamar a feiticeira. Quer dizer, a feiticeira metapsicologia. Sem a especulação e a teorização metapsicológicas – estive a ponto de dizer: sem a fantasia – não se dá um passo adiante.

— *Sigmund Freud*

Análise terminável e interminável

O caldeirão mágico de Freud faz cem anos e cabe a nós, seus herdeiros, psicanalistas, celebrarmos a data.

Celebrar o “retorno do exílio” do corpo ao pensamento promovido pelo audacioso conceito de *pulsão*, tão revolucionário que seus seguidores imediatos, por não compreenderem sua extensão, tentaram reduzi-lo ao instinto.

Celebrar a descoberta do inconsciente, que subverte o *cogito* cartesiano e descentraliza a razão, para o saber que não sabe o que sabe, mas, ainda assim, sabe.

Celebrar o sujeito dividido pelo recalque, pelo sintoma ou, ao menos, pela linguagem. Sujeito tecido nas tramas primevas de uma *lalíngua* desconhecida, na qual seu destino se encontra capturado.

Celebrar o sujeito da escolha forçada pela linguagem, pela vida e pelo sexo, e que, entre “a bolsa ou a vida”, torna-se responsável pelas escolhas inevitáveis que é levado a fazer.

Celebrar a pulsão de morte, a criação *ex nihilo*, a arte e a beleza que nos fazem cantar a vida.

Este livro, portanto, é uma homenagem festiva a Freud e ao retorno a seu texto, feito em vários tempos por Jacques Lacan.

Num primeiro tempo, a varredura da obscenidade imaginária que invadira a psicanálise pós-freudiana, a primazia do simbólico, “o inconsciente estruturado como uma linguagem”.

Num segundo tempo, após a excomunhão, o retorno à feiticeira da metapsicologia: inconsciente, pulsão, transferência e repetição, seus quatro conceitos fundamentais revisitados.

E no momento de concluir, *Inibição, sintoma e angústia*, imaginário, simbólico e real, mais uma volta, em “O Seminário, livro 22: R.S.I”: “Bom, acontece de eu ter feito esta descoberta do nó borromeano, sem procurá-la, é claro. Parece-me [uma] descoberta notável para recuperar não o ar de Freud, mas o seu errar”.

Este livro, assim, é não apenas uma celebração, uma festa, mas também um convite a recuperarmos juntos a errância de Freud, seu *Durcharbeitung*, o trabalho de atravessamento que em português, pode-se dizê-lo, como quem recita um poema, é travessia.

MARIA ANITA CARNEIRO RIBEIRO